

Dr. Dave Mathewson, Hermenêutica, Aula 26, Teológica

© 2024 Dave Mathewson e Ted Hildebrandt

Temos examinado diferentes métodos de interpretação, muitos deles relacionados à compreensão do texto dentro de seu contexto histórico original e a fazer perguntas sobre o autor e a provável intenção do autor e o que os leitores poderiam ter ou provavelmente teriam compreendido olhando para o o texto e seu contexto são um aspecto muito significativo da interpretação, observando a redação e o significado de palavras e construções gramaticais cruciais e importantes e assim por diante. O que quero fazer é examinar outra faceta importante do processo interpretativo, que é o que chamarei de análise teológica. Na verdade, há hoje todo um movimento que parece estar ganhando força e que é algo conhecido como hermenêutica teológica ou interpretação teológica e não pretendo entrar em detalhes sobre o que é isso.

Certamente, há algumas questões que poderiam ser levantadas sobre isso, mas o que é valioso é que pretende recuperar a natureza teológica do Antigo e do Novo Testamento e a natureza teológica do empreendimento de interpretação. Portanto, parte da interpretação é interpretar teologicamente o texto do Antigo e do Novo Testamento. Isto remonta ao fato de os cristãos confessarem que as escrituras são inspiradas, são as próprias palavras de Deus.

Portanto, o Antigo e o Novo Testamento são mais, embora não menos, do que simplesmente documentos históricos. São mais do que apenas documentos escritos e produzidos num contexto histórico específico, mas também são altamente teológicos e, portanto, devemos, em última análise, ler a Bíblia de uma forma teológica. Até mesmo chamá-la de escritura, quando nos referimos ao Antigo e ao Novo Testamento como escritura, isso implica o reconhecimento de que a Bíblia é um livro religioso.

Implica o reconhecimento de que não se pode simplesmente lê-lo apenas como um documento histórico, embora novamente seja isso, mas que confessamos que o Antigo e o Novo Testamento são Escrituras, ou seja, são as Escrituras para a igreja. São os documentos que testificam do trato redentor de Deus com o seu povo. Testificamos que é a revelação de Deus sobre si mesmo na história de sua vontade para seu povo.

Portanto, qualquer interpretação de um texto bíblico é incompleta até que interpretemos o texto, o texto do Novo Testamento, teologicamente, dentro do seu contexto teológico. Relacionado a isso também está o fato de que possuímos uma Bíblia como cristãos hoje. Possuímos uma Bíblia na qual o Antigo e o Novo Testamento estão reunidos em um livro inteiro e, portanto, estão relacionados um com o outro.

Assim, a Bíblia tal como está e tal como a possuímos consiste no Antigo e no Novo Testamento, que agora se relacionam entre si e, em certo sentido, fornecem todo o contexto no qual qualquer livro do Antigo Testamento deve ser entendido. Portanto, o contexto final da interpretação, falamos sobre o contexto histórico e o contexto literário de um livro, mas, em última análise, o contexto final e último é o contexto canônico, o contexto das escrituras canônicas. E agora não pretendo entrar em detalhes no que diz respeito à justificação dos 66 livros que encontramos em nosso cânon de escrituras e no Antigo e Novo Testamento, mas minha suposição é que os 66 livros do Antigo e do Novo Testamento que nós constitui a palavra de Deus e o contexto para fazer a interpretação.

E, portanto, todo o cânon das Escrituras é o contexto final para fazer interpretação. Assim, os livros do Antigo e do Novo Testamento formam uma unidade e se unem e fornecem o contexto final para interpretação e devem, portanto, ser lidos teologicamente. Isto é, confessamos que o Antigo e o Novo Testamento são as

escrituras da igreja e, portanto, isso significa que lemos qualquer texto à luz do seu contexto canônico teológico final.

A igreja é a palavra de Deus para o seu povo e como seu povo confessamos que Deus falou através da sua palavra e continua a falar através da sua palavra como escritura ao seu povo. Portanto, parece-me então, com base nisso, que há uma série de temas ou princípios importantes a serem considerados ao interpretar a Bíblia teologicamente ou analisar a Bíblia teologicamente. Mais uma vez, estou assumindo que alguém fez o trabalho de interpretar um texto bíblico à luz de seu contexto histórico e do que podemos saber sobre o gênero literário e o contexto histórico, as referências históricas e culturais no texto, fazendo perguntas sobre o caráter literário contexto e o que o autor provavelmente teria pretendido e o que os leitores provavelmente teriam entendido pelo texto, examinando-o dentro de seu contexto literário, gramatical e histórico, compreendendo os significados de palavras cruciais.

Isso constitui a base para refletir teologicamente sobre o texto. Mas para fazer uma série de observações importantes ou para levantar uma série de temas importantes relativos a uma análise teológica das Escrituras, e então perguntaremos como isso poderia parecer e dando alguns exemplos de como alguém pode analisar um texto do Antigo Testamento e um texto do Novo Testamento teologicamente ou de uma perspectiva teológica. Em primeiro lugar, uma perspectiva teológica opera com a unidade e a coerência das Escrituras.

Isto é, ao focarmos nas Escrituras como a palavra de Deus, ao focarmos nelas como Escrituras canônicas, assumimos sua unidade essencial. Portanto, podemos entender que o cânon final forma o contexto teológico mais amplo e fornece uma ampla unidade teológica para a compreensão de cada documento do Novo ou do Antigo Testamento. Assim, o cânon fornece a unidade teológica mais ampla à qual

cada livro pertence, e um livro do Antigo e do Novo Testamento pertence e contribui.

Portanto, compreender a Bíblia teologicamente aponta, e compreender a Bíblia como escritura canônica, aponta para um retrato coerente da obra redentora de Deus e da atividade redentora de Deus por parte de seu povo. Mas é importante também compreender, obviamente, que muito disto se deve ao facto de a Bíblia ser um livro divino e também um livro humano. Discutimos esse conceito quando discutimos inspiração.

Mas entendendo o livro também como um documento humano, também confessamos que a Bíblia consiste numa diversidade dentro dessa unidade, de modo que os livros individuais constituem essa unidade, embora reflitam uma diversidade. Vimos que existiam, já vimos que existem diversos tipos literários dentro do Antigo e do Novo Testamento. Existem diversos autores que escrevem com origens diversas.

Há diversos, há diversos vocabulários, diversas perspectivas, mas tudo isso está sob a égide da coerência e unidade essenciais do Antigo e do Novo Testamento. Para que fazer análise teológica, pelo menos numa perspectiva cristã, entenda que os textos do Antigo e do Novo Testamento não estão em desacordo entre si. Eles não se contradizem.

Os livros não estão em desacordo com outros livros. Por exemplo, Paulo e Tiago não entram em conflito um com o outro. Por mais diversidade que exista e por mais diferente que seja a perspectiva, em última análise, dentro da unidade teológica mais ampla do cânon do Antigo e do Novo Testamento, eles não mantêm uma relação contraditória.

Mas, novamente, embora confessemos que há uma diversidade de autores, tipos e origens literárias, esses documentos, especialmente os documentos do Novo Testamento, que vimos, são altamente ocasionais. A sua resposta é a situações muito diversas na história. E encontramos múltiplas respostas para diferentes perspectivas, mas ainda assim tudo isso exemplificando uma coerência e uma unidade dentro do cânone mais amplo.

Esta perspectiva, percebo, contrasta com tendências mais pós-modernas, ao ver uma variedade de vozes que são diversas, mas até contraditórias, e recusando-se a reconhecer uma meta-perspectiva ou uma meta-história que explicaria todas as outras, de modo que existem vozes múltiplas e até contraditórias na interpretação, mas talvez também dentro do cânone do Antigo e do Novo Testamento. No entanto, uma abordagem teológica de uma perspectiva cristã afirma a unidade e a coerência das Escrituras como a Palavra de Deus para o Seu povo, como a Escritura canônica final, consistindo no Antigo e no Novo Testamento que se relacionam entre si. Um segundo tema ou princípio importante que é significativo para fazer a análise teológica do texto bíblico, e relacionado com aquele que acabamos de discutir relativamente à coerência e unidade das Escrituras, é que também se confessa e assume uma relação canônica entre o Antigo e o Novo Testamento.

Como já mencionamos, as Escrituras que possuímos fornecem o contexto final para a interpretação de qualquer Escritura, e o que possuímos é o Antigo e o Novo Testamento unidos em relação um ao outro. E eles mantêm um relacionamento principalmente e geralmente de promessa e realização. O Antigo Testamento é visto como uma antecipação da revelação culminante final na pessoa de Jesus Cristo.

Esta perspectiva é encontrada em textos como Hebreus capítulo 1 e nos primeiros versículos onde o autor diz que, no passado, Deus falou de várias maneiras e através de vários meios aos nossos antepassados e através dos profetas, mas nestes últimos

dias, Deus falou através de Seu Filho. Esse versículo estabelece uma relação, uma relação integral, uma relação orgânica, entre o Antigo e o Novo Testamento. Portanto, o Novo Testamento é visto como cumprimento, o cumprimento final do que é prometido e do que é antecipado no Antigo Testamento.

Assim, as Escrituras são um testemunho dos contínuos atos redentores de Deus em favor do Seu povo no mundo. E o que isto significa, quando lemos a Bíblia como uma unidade que consiste numa relação entre o Antigo e o Novo Testamento, isso significa que é preciso ser sensível e ser capaz de relacionar a interpretação de qualquer texto ao tema ou temas abrangentes, ou a história abrangente de todo o texto bíblico e do cânon bíblico. É uma história que está enraizada na criação, em Gênesis 1 e 2, onde Deus cria um povo, e Deus entra em um relacionamento de aliança com eles, e deseja e determina habitar no meio deles, e lhes dá a terra como Seu presente gracioso, dos quais eles devem cuidar, e que eles irão, como mostra a imagem de Deus, que espalharão o governo de Deus e Seu reino, e espalharão Sua glória por toda a terra e por toda a criação.

Mas é também uma história de como o pecado entra nesse desejo ou intenção de criação ou de humanidade, e destrói isso, ou começa a desvendar essa parte da história. E assim, o resto do Antigo Testamento e do Novo Testamento é como Deus agora escolhe Israel, Deus escolhe Israel para ser Seu povo, onde Ele os redime do Egito, Ele então os tira do Egito, os leva para o, entra em um relacionamento de aliança com eles, leva-os para a terra que Ele lhes daria, e pretende habitar com eles através de um templo, e estabelece Seu relacionamento para restaurá-los e, eventualmente, Sua intenção de restaurar toda a criação, que era Sua intenção original de Gênesis 1 e 2. Mas também é uma história de como Deus pretende finalmente resgatar toda a criação e resgatar a própria nação de Israel e, eventualmente, toda a criação e todas as pessoas, que atinge seu apogeu na pessoa de Jesus Cristo. Na morte e ressurreição de Jesus Cristo, Deus agora começa a

estabelecer e cumprir Sua intenção para a humanidade, que começou na criação e foi restabelecida com a redenção, e com Deus trabalhando através de Israel.

Agora isso atinge o seu clímax na pessoa de Jesus Cristo, na Sua morte, na Sua ressurreição e no Seu estabelecimento de um novo povo de Deus, que O obedecerá e que espalhará o Seu governo e a Sua glória por toda a terra. Mas, novamente, esta história atinge seu clímax final em uma nova criação, e uma terra renovada, e um céu renovado, onde a intenção de Deus para a humanidade, onde a história de Deus é plena e perfeitamente realizada e cumprida. Assim, dada esta narrativa abrangente, ou história abrangente, ou estes temas teológicos abrangentes, a interpretação teológica pergunta então: como é que cada parte se enquadra e contribui para este todo? Ao estudar um livro bíblico, ou um texto bíblico, a análise teológica pergunta: como é que os diferentes livros, como é que os diferentes textos, se enquadram nesta história do trato redentor de Deus com o Seu povo? Seu povo e, em última análise, toda a criação.

Como cada texto, como cada livro contribui para isso e se enquadra nos temas daquela história? O que isso significa é, em primeiro lugar, que o Novo Testamento é, em última análise, lido à luz do Antigo Testamento, mas, além disso, em última análise, o Antigo Testamento também será lido à luz do Novo. Como veremos, isso não significa que não estudemos o Antigo Testamento no seu contexto histórico original, e perguntemos o que ele teria significado para os leitores originais, e deixemos o texto ter a sua própria integridade e compreensão no seu contexto histórico. , mas em última análise, mais uma vez, confessamos que o Antigo e o Novo Testamento estão em seu contexto final nas relações teológicas, por isso é válido ler o Novo Testamento à luz do Antigo Testamento, e a validade desse movimento é bastante óbvia porque olhamos para o uso do Antigo Testamento no Novo Testamento e nos próprios autores do Novo Testamento, e o próprio Jesus exigiu que esta Nova Revelação fosse vista à luz e em continuidade com a Revelação da

Antiga Aliança, como trazendo-a ao cumprimento. Mas penso que também é legítimo, em última análise, depois de se ter feito a exegese e interpretação do texto do Antigo Testamento, compreender e explorar como ele se cumpre no Novo Testamento, como atinge o seu clímax na pessoa de Jesus Cristo.

Assim, a interpretação teológica trabalha pelo menos com estes dois temas até agora, a unidade e a coerência das Escrituras, de modo que o cânone mais amplo do Antigo e do Novo Testamento formam uma unidade que deve ser considerada ao interpretar qualquer livro individual. Segundo, que o Antigo e o Novo Testamento, dentro do cânon do Antigo Testamento, mantêm um relacionamento teológico um com o outro. Novamente, isto não ignora a contribuição distinta de cada texto, ou não ignora ou prejudica a contribuição única que cada autor individual faz no seu contexto histórico, mas, novamente, não ignora como o texto funcionou para os seus primeiros leitores, etc. , e seu lugar na história da salvação e na realização dos propósitos de Deus.

Mas reconhece, mais uma vez, que cada texto faz parte de um todo canônico mais amplo. Como já dissemos, o cânon final das Escrituras une o Antigo Testamento e o Novo Testamento numa relação que agora testemunha a contínua atividade redentora de Deus em nome do Seu povo e em nome de toda a criação. E assim, à luz do significado de um texto no seu contexto histórico, então, como eu disse, é preciso perguntar: que papel ele desempenha dentro do contexto canônico e teológico mais amplo? Que papel desempenha como parte desta história abrangente da obra redentora de Deus para o Seu povo, na história e, em última análise, para toda a humanidade e toda a criação? Então, parte do que é importante entender é que quando pensamos em contexto, interpretando as escrituras em seu contexto, examinamos coisas como seu contexto literário mais amplo e a compreensão de um texto em seu contexto histórico, mas agora estou defendendo em última análise,

compreender um texto à luz do seu contexto teológico, isto é, o contexto do cânone mais amplo das Escrituras.

Como isso se encaixa nesta história contínua da atividade redentora de Deus no mundo e para o Seu povo. Um terceiro princípio ou tema importante é que a teologia cristã tem foco cristológico. Isto é, em última análise, o foco ou o clímax do trato redentor de Deus com a humanidade vem na pessoa de Jesus Cristo.

E o ensino de Jesus, a morte de Jesus e a Sua ressurreição, tudo isso é visto como o cumprimento do clímax da atividade redentora de Deus por parte do Seu povo. E para toda a criação. Portanto, esta narrativa ou história abrangente sobre a qual falamos encontra seu clímax na pessoa de Jesus Cristo.

Já vimos, especialmente quando falamos sobre o uso do Antigo Testamento no Novo, que para os autores do Novo Testamento, a lente principal através da qual eles interpretariam o Antigo Testamento seria a pessoa de Jesus Cristo. Eles viam Jesus Cristo como o cumprimento das escrituras e talvez tenham se inspirado no próprio Jesus, que disse coisas como: Não vim para abolir a lei e os profetas, mas para cumpri-los. Ou em Lucas 24, como Ele discutiu com os dois indivíduos no caminho para Emaús, Ele discutiu como tudo nas Escrituras foi cumprido Nele, de modo que quando alguém lê o Antigo Novo Testamento, em última análise, temos que entender como tudo atinge o seu clímax e realização na pessoa de Jesus Cristo.

De modo que, novamente, até mesmo os autores do Novo Testamento pegaram os textos do Antigo Testamento e os compreenderam à luz de como eles se cumpriram na pessoa de Jesus Cristo. Portanto, a análise teológica demonstrará, em última análise, como tudo encontra a sua realização na pessoa de Cristo, na Sua vida, no Seu ensino, na Sua morte e na Sua ressurreição. Por exemplo, quando você começa, quando você abre o primeiro versículo do Novo Testamento, pelo menos na ordem

em que o temos, o primeiro versículo exige que, número um, que leiamos o Antigo Novo Testamento à luz do Antigo Testamento, pelo menos do livro de Mateus, exige que o leiamos à luz do Antigo Testamento, mas, em segundo lugar, assume que Jesus Cristo é o cumprimento da história principal do Antigo Testamento.

Então começa o capítulo 1, o capítulo 1 e o versículo 1 de Mateus começam assim, Um registro da genealogia de Jesus Cristo, filho de Davi e filho de Abraão. Agora, há três coisas interessantes sobre este versículo. Em primeiro lugar, esta noção da genealogia de Jesus Cristo provavelmente lembra material de Gênesis, ou linguagem semelhante de Gênesis, a origem ou o início de.

Portanto, Jesus está realmente enraizado na história do Antigo Testamento, começando com a criação, começando com Gênesis 1 e 2. Mas observe as referências explícitas ao filho de Davi e ao filho de Abraão, que imediatamente nos levam de volta às alianças que Deus fez com Davi. e Abraão no Antigo Testamento. David em 2 Samuel capítulo 7, onde o reino de David, ou o seu trono, é prometido para ser perpétuo. Seu trono seria estabelecido para sempre.

E então Gênesis capítulo 12, onde Abraão é aquele que foi escolhido para se tornar grande, mas que no final das contas seria uma bênção para todas as nações da terra. Então Jesus agora é colocado dentro desta história mais ampla. Ele retoma os temas principais da história mais ampla, que remonta à criação, às alianças feitas com Davi e Abraão.

Mas agora ele é visto, não apenas para continuar essa história, mas para cumpri-la e levá-la ao objetivo e ao clímax pretendidos. Então Jesus cumpre a promessa a Abraão. Ele cumpre a promessa feita a Davi.

Ele é filho de Abraão. Ele é o verdadeiro rei davídico que agora cumpre ambas as promessas. Vemos também, por exemplo, no Novo Testamento que Jesus é visto como o sacrifício final em cumprimento dos sacrifícios e do sistema sacrificial do Antigo Testamento.

Você não precisa ler muito Hebreus para ver como isso é importante para o autor demonstrar que Jesus é o sacrifício final de uma vez por todas que, novamente, não apenas abole e põe fim aos sacrifícios do Antigo Testamento, mas novamente os leva ao seu verdadeiro objetivo e intenção e à sua realização. Ele é, novamente, o sumo sacerdote final e perfeito. Novamente, o livro de Hebreus retrata Jesus como o sumo sacerdote final, embora o autor de Hebreus retrate Jesus como uma linhagem de sumo sacerdote diferente da do Antigo Testamento.

Mas ainda assim, Jesus é o sumo sacerdote final e definitivo que oferece esse sacrifício. Jesus é retratado como o cordeiro pascal. Por exemplo, em 1 Coríntios 5 e versículo 7, por exemplo, a morte de Jesus é entendida na perspectiva do Antigo Testamento.

Então, em 1 Coríntios 5 e versículo 7, o autor diz: Livrem-se do fermento velho, para que sejam massa nova, sem fermento, como realmente são. Por Cristo, nosso cordeiro pascal foi sacrificado. Então, novamente, o autor baseia-se nas características da história do Antigo Testamento, uma história abrangente de Deus lidando com seu povo, e agora encontra partes dela cumpridas na pessoa de Jesus Cristo.

Então ele é o nosso cordeiro pascal. Ele também inaugura uma nova aliança em cumprimento do texto profético do Antigo Testamento, como Jeremias capítulo 31 e Ezequiel capítulo 36 e 37. Jesus agora traz aquela prometida nova aliança.

Ele inicia um novo êxodo, onde agora é o libertador e salvador do seu povo da escravidão do pecado. Sua ressurreição dentre os mortos é a prestação e o cumprimento do que foi prometido no Antigo Testamento. Então ele inaugura uma nova criação.

Você se lembra do texto de 2 Coríntios capítulo 5, onde o autor diz: Se alguém está em Cristo, literalmente, há uma nova criação. Em outras palavras, o próprio Jesus Cristo inaugura uma nova criação, antecipada em textos como Isaías 65, para que agora já possamos participar dessa nova criação em virtude de pertencer a Cristo. Assim, embora cada texto tenha a sua própria integridade e deva ser entendido à luz do seu contexto histórico original, ao mesmo tempo, deve ser lido, em última análise, à luz de como se cumpre na pessoa de Jesus Cristo e como a atividade redentora de Deus finalmente atinge seu cumprimento e clímax em Jesus Cristo.

Assim, uma análise teológica do Antigo Novo Testamento lê a Bíblia e lê o texto cristologicamente. É focado cristologicamente. Novamente, não estou falando sobre fazer o tipo de alegorização selvagem que alguns fizeram no passado, para ler algo na vida de Cristo em cada pequeno detalhe do Antigo Testamento.

Mas ainda assim, em última análise, é preciso ser sensível à forma como qualquer texto e livro funciona dentro do seu contexto canônico mais amplo, onde o Antigo e o Novo Testamento estão em uma relação de promessa e cumprimento, onde Cristo é o cumprimento e a revelação final de Deus. ao seu povo, que culmina e cumpre a sua revelação sob a Antiga Aliança. Um quarto princípio ou tema é que uma abordagem teológica legítima para interpretar as Escrituras, para interpretar o Antigo Novo Testamento, irá afirmar e reconhecer a importância da história na interpretação. Isto é, como cristãos, confessamos essas Escrituras, e falamos sobre isso quando discutimos a inspiração, mas confessamos que as Escrituras testificam

da atividade de Deus na história, da ação de Deus por e em nome do seu povo na história.

Portanto, em última análise, entendemos historicamente o Antigo e o Novo Testamento. Foi assim que Deus agiu na história, para realizar a sua intenção. A história abrangente é um dos atos poderosos de Deus na história, de forma redentora.

Esta abordagem tempera ambas as abordagens históricas críticas, falamos sobre a abordagem histórica crítica, ou crítica histórica, várias sessões atrás. Atenua a crítica histórica, mas ao mesmo tempo as abordagens modernas, literárias e pós-modernas. Assim, por exemplo, tempera a crítica histórica na medida em que a análise teológica do texto deve dar espaço ao sobrenatural, deve dar espaço à intervenção de Deus na história em nome do seu povo, deve dar espaço ao significado universal do morte de Jesus Cristo, que a morte de Jesus Cristo na cruz não foi apenas um mero exemplo de alguém se sacrificando por aquilo em que acreditava, ou não foi um acidente histórico, mas compreende o significado histórico e universal da morte de Cristo, confessa sua ressurreição, confessa que o próprio Deus se encarnou na pessoa de Jesus Cristo, e que a história bíblica retrata e testemunha um Deus que existe, e um Deus que intervém em todo o Antigo e Novo Testamento em nome do seu povo.

Assim, em contraste com algumas abordagens históricas críticas ao texto do Novo e do Antigo Testamento, que lê as Escrituras num continuum fechado de causa e efeito, que se recusou a reconhecer qualquer coisa que não tenha analogia com os dias atuais, que, novamente, lê o Antigo e do Novo Testamento de um ponto de vista completamente natural, embora ainda defenda ou confesse o valor de uma abordagem histórica crítica, de focar na história e no trato de Deus com a história, ao mesmo tempo, a análise teológica tempera a crítica histórica, ao reconhecer e afirmar um Deus que age e intervém nos assuntos da história e confessa um Deus

que intervém para fazer coisas como ressuscitar os mortos e encarnar na pessoa de Jesus Cristo. Também tempera as abordagens literárias e pós-modernas, na medida em que a compreensão teológica da Bíblia, onde Deus intervém na história, onde Deus age nos acontecimentos históricos em nome do seu povo, também tempera as abordagens literárias e pós-modernas, porque nos lembra que todas as abordagens históricas, especialmente quando a crítica literária considera apenas as dimensões literárias do texto e se recusa a relacioná-las com eventos históricos, as abordagens teológicas podem temperar meras abordagens literárias, ou abordagens que desvalorizam o autor e o texto, e a intenção do autor, e o histórico antecedentes, como em algumas abordagens pós-modernas, e novamente em abordagens literárias. Esses tipos de abordagens, como dissemos, por mais valiosos que sejam, precisam ser revisados, ou pelo menos moderados, à luz de uma análise teológica do texto, que confesse que Deus agiu na história, e que estamos tratando de mais, por mais que a crítica literária chame nossa atenção para o valor estético do texto e para as dimensões literárias do texto, uma análise teológica nos lembra que Deus agindo na história não pode ser ignorado.

Portanto, por mais que uma abordagem pós-moderna sirva para castigar o orgulho na interpretação e nos lembrar das nossas limitações, ela ainda nos lembra da necessidade de compreender e tentar descobrir o significado dos atos históricos de Deus, em nome do seu povo, do seu povo. atos poderosos na história, como o criador e o governante do mundo inteiro. Nossa fé está, em última análise, enraizada em atos passados de Deus na história. Portanto, a análise teológica está historicamente enraizada.

A última coisa que quero dizer é que, quando se trata de análise teológica das Escrituras, a análise teológica utiliza os principais temas e termos da própria Bíblia. Em outras palavras, uma análise teológica começa com os próprios termos e temas da Bíblia, que surgem de uma interpretação do texto bíblico. Alguns desses termos

podem ser criação, aliança, ou termos ou temas, criação, aliança, promessa, bênção, julgamento, redenção, reino ou realeza, templo, fé, sacerdócio, reconciliação, justificação.

Estes são os termos e temas que emergem do próprio texto bíblico e descrevem a teologia do Antigo e do Novo Testamento. Assim, principalmente, uma análise teológica começa com os termos e temas do próprio texto bíblico e desta história abrangente. Isto é diferente do que é frequentemente conhecido como teologia sistemática, que utiliza categorias teológicas sistemáticas, categorias mais amplas, que funcionam principalmente para categorizar ou resumir o ensino principal da Bíblia sobre qualquer tema, considerado importante pelo teólogo.

Assim, a teologia sistemática usará categorias de investigação filosófica, e outras categorias, e compreenderá como o Antigo e o Novo Testamento, como o texto como um todo, e todos os dados, como se relacionam com essas categorias, como podem ser arranjados e organizados logicamente. para falar com uma variedade de categorias, que geralmente são consideradas importantes. Esse é o tipo de teologia em que pensamos quando falamos de livros didáticos de teologia sistemática, ou de uma teologia sistemática. Mas em vez disso, estamos começando principalmente com o texto teológico bíblico mais amplo, e a história abrangente, e os temas e os termos que emergem disso, e então traçando esses temas ao longo do Antigo e do Novo Testamento, reconhecendo como eles se desenvolvem do Antigo ao Antigo Testamento. o Novo Testamento e através do texto, reconhecendo como cada livro ou texto contribui para esse tema, como esse tema ou os termos funcionam em diferentes lugares do Antigo e do Novo Testamento.

Assim, uma teologia bíblica, ou uma análise teológica do texto bíblico, começa com os termos e os temas que emergem do próprio texto, mais uma vez, em vez de pensar teologicamente de forma sistemática. Não quero dizer que isso não seja

válido, acho que obviamente é, mas neste ponto estamos nos perguntando para que contribui o texto em si, quais são os principais temas e ideias que emergem do texto, e então como isso se enquadra na história abrangente da atividade redentora de Deus, conforme testemunhado em todo o cânon do Antigo e do Novo Testamento? Então, como interpretamos teologicamente um texto bíblico? Qual o papel que a análise teológica desempenha, então, na interpretação de alguém? Bem, o primeiro passo, obviamente, é aplicar princípios sólidos de interpretação ao texto bíblico de que falamos, perguntando qual era provavelmente a provável intenção do autor, colocando o texto no seu contexto histórico e cultural, examinando o texto à luz do seu contexto literário mais amplo, olhando para as características literárias do texto, examinando também o seu vocabulário, a sua gramática, e tentando compreender o texto nos seus próprios termos, e o que provavelmente significava no seu contexto histórico original.

Portanto, princípios interpretativos sólidos, ou interpretação sólida, são o primeiro passo, ou o fundamento, ou base para a análise teológica. Mas a segunda coisa, ou o segundo passo que eu sugeriria, é então que se identifiquem os principais temas teológicos no seu texto. Ou seja, a partir de um estudo do texto, é considerar os temas principais, ou os termos principais que já sugeri.

Os temas ou termos que emergem da Bíblia, como criação, aliança, bênção, fé, justificação, reconciliação, realeza, redenção, etc., etc. Às vezes, a forma como o Antigo Testamento é citado ou aludido no Novo Testamento é uma chave para os textos do Novo Testamento, sobre quais são alguns desses principais temas teológicos. Na verdade, quando discutimos o uso do Antigo Testamento no Novo, nas últimas sessões, estávamos essencialmente fazendo análise teológica, entendendo como os textos do Novo Testamento pegam os textos do Antigo Testamento, e esses temas, e os desenvolvem, e mostrar como eles são cumpridos na pessoa de Cristo.

Então, o primeiro passo é identificar os principais temas teológicos e depois perguntar: como eles são desenvolvidos no seu texto? Que contribuição o texto do Antigo ou do Novo Testamento que você está estudando traz para esse tema? E como esse tema funciona no texto que você está interpretando? Deixe-me dizer que, neste estágio, pode ser útil ler uma série de teologias importantes do Antigo e do Novo Testamento que irão apresentá-lo a alguns desses temas, e a isolar temas em livros diferentes, ou demonstrar como os temas são desenvolvidos. Mas tente entender quais temas emergem e como eles são desenvolvidos, como eles contribuem para o seu texto e reconheça o cenário histórico de onde esses temas estão emergindo e abordando. O segundo é perguntar, ou terceiro, o terceiro passo é perguntar: como é que o seu texto se enquadra no relato canônico mais amplo, ou história, desta história abrangente do trato redentor de Deus com a criação e com toda a humanidade? O que seu texto contribui para essa história? Onde isso se encaixa? Onde nesta grande narrativa do trato de Deus com seu povo, que começa na narrativa da criação, e se desenvolve através do trato de Deus com Israel, e culmina na pessoa de Jesus Cristo, onde o seu texto se encaixa nessa história? Novamente, uma história que finalmente alcança seu cumprimento na pessoa de Jesus Cristo.

Onde seu texto se encaixa nisso? E novamente, dissemos, se for esse o caso, então, em última análise, leremos o Novo Testamento à luz da história do Antigo Testamento, para ver como ela a cumpre, mas, em última análise, também leremos o Antigo Testamento à luz do Novo Testamento. . Mais uma vez, não que não permitamos que o Antigo Testamento tenha a sua própria integridade e compreenda o que significava no seu contexto histórico, mas, em última análise, ir além disso e colocá-lo dentro do seu contexto canônico mais amplo, e perguntar como é que finalmente se cumpre no Novo Testamento. A pergunta final que se poderia fazer, embora comece a nos levar mais além da interpretação do texto bíblico, mas apenas

muito brevemente, em última análise, queremos perguntar como o seu texto contribui para a reflexão teológica mais ampla da Igreja, em termos de teologia sistemática.

Mas, novamente, a última, a teologia sistemática, deve basear-se na primeira, na compreensão teológica do texto nos seus próprios termos. Assim, mais uma vez, a teologia, ou teologia sistemática, geralmente diz respeito a uma expressão coerente da fé da igreja e, mais uma vez, tenta sistematizar o ensino da Bíblia, a totalidade do ensino da Bíblia, num quadro coerente, à luz de questões geralmente consideradas importantes. Mas, novamente, nosso foco tem sido mais no que muitas vezes é chamado de teologia bíblica, isto é, examinar o texto à luz dos temas e termos que emergem da própria Bíblia, mas também colocar o texto dentro da história teológica bíblica mais ampla, da história teológica bíblica mais ampla, da missão de Deus lidando de forma redentora com seu povo e com toda a criação.

Agora, tendo dito isso, deixe-me dar alguns breves exemplos de análise teológica de textos bíblicos e como isso pode parecer, e minha intenção não é dar-lhe uma interpretação completa desses textos, mas apenas sondar alguns deles. a teológica, talvez não todas, mas algumas das dimensões teológicas destes dois textos. E estes dois textos são aqueles que já consideramos noutros lugares, ou noutros contextos na nossa discussão, mas penso que ambos fornecem exemplos muito bons, e exemplos úteis, de como a análise teológica pode funcionar. O primeiro que quero examinar é 2 Samuel capítulo 7, focando especialmente no versículo 14, mas também nos concentraremos em alguns versículos que o rodeiam.

Mas 2 Samuel capítulo 7 e 14. 2 Samuel 7, em seu contexto mais amplo, é o profeta Natã que vem a Davi com uma mensagem, uma mensagem profética, e no centro disso é geralmente considerado o versículo 14, onde através de Natã, Deus diz a Davi: eu serei seu pai e ele será meu filho. Na verdade, é uma linguagem que você vê

sendo retomada mais tarde no Novo Testamento, mas todo o contexto disso é, novamente, Deus falando agora com Davi, onde ele estabelecerá uma aliança com Davi e afirmará sua intenção de estabelecer seu relacionamento. com David, e o seu trono para sempre.

Agora, quando você olha para o texto, para seguir algumas das diretrizes, quando você olha para o texto, há uma série de temas importantes que emergem teologicamente, como o templo. Observe a referência, especialmente em alguns dos versículos anteriores do capítulo 7, à ênfase na construção de uma casa, ou templo para Deus, um lugar onde ele habitará com seu povo. Portanto, 2 Samuel 7 reflete as imagens do templo.

Reinado, especialmente a linguagem da monarquia davídica. Encontramos aliança, embora a palavra aliança não seja usada em 7.14. Essa linguagem de eu serei seu pai, ele será meu filho, está no cerne da linguagem da aliança. Também encontramos a linguagem da semente e dos descendentes de Davi.

Portanto, esses são temas ou termos teológicos bíblicos importantes que surgem do próprio texto. Observe também, uma faceta importante deste texto é encontrada em ambos os versículos 13 e 16. Versículo 13, ele é o único, em outras palavras, Deus diz a Davi, Davi, você não construirá o templo para mim, mas um de seus descendentes, sua descendência construirá o templo.

Então ele disse: ele é o seu descendente que construirá uma casa em meu nome, e eu estabelecerei o trono do seu reino para sempre. Versículo 16 então, sua casa e seu reino durarão para sempre diante de mim. Seu trono será estabelecido para sempre.

Portanto, o que encontramos aqui não é apenas a ênfase na realeza na monarquia davídica, mas que o trono existirá, e a realeza de Davi, será perpétua. Embora neste ponto não nos seja dito se Deus está prometendo que o trono será perpétuo em termos de que sempre haverá um rei no trono, mesmo que haja uma sucessão, ou se haverá um rei que irá surgir que governará para sempre. Neste ponto, não creio que isso esteja declarado explicitamente.

Mas onde isso se encaixa? Olhando para esses temas do templo, a habitação de Deus com seu povo, a realeza, especialmente a monarquia davídica, a realeza davídica, a aliança, a aliança que ele faz com Davi, a ênfase em sua semente e descendentes, a realeza e o trono perpétuos e duradouros de Davi, onde isso se encaixa? dentro da história canônica mais ampla do trato redentor de Deus com seu povo e com toda a criação? Em primeiro lugar, quando você lê o texto, é difícil perder algumas das alusões à história de Abraão no capítulo 12 de Gênesis. Por exemplo, observe algumas dessas conexões ou alusões no versículo 9. No versículo 9 de 2 Samuel 7, ele diz: Eu estive com você, Deus falando através de Natã a Davi, eu estive com você, Davi, onde quer que você tenha ido. , e eliminei todos os seus inimigos de diante de você. Agora engrandecerei o seu nome, como os nomes dos maiores homens da terra.

Isso reflete a promessa feita a Abraão, onde Deus diz: Engrandecerei o seu nome e o abençoarei, e você será uma bênção, em última análise, para todas as nações da terra. Mas outro, versículo 12, observe a ligação com o tema da descendência ou semente. Versículo 12, quando seus dias acabarem e você descansar com seus pais, eu levantarei sua descendência ou sua semente.

O que mais uma vez reafirma e retoma a promessa que Deus fez a Abraão repetidas vezes sobre a numerosa semente e descendência dele. Agora, vê-se que essa semente ou descendência continua durante o reinado davídico. Mas outro, versículo

10, providenciarei um lugar para o meu povo Israel, e os plantarei para que possam ter uma casa própria.

O que provavelmente reflete e é uma continuação da promessa feita a Abraão de trazê-lo para uma terra e de dar a terra ao povo. Assim, o autor de 2 Samuel 7 e o discurso de Deus através de Natã a David deixa claro que a promessa davídica e a aliança davídica são o principal meio através do qual a promessa de Deus a Abraão seria cumprida e estabelecida entre o povo de Israel. Mas há outra conexão interessante para continuar a ler à luz da história em andamento.

O capítulo 7 de 2 Samuel também, creio eu, retoma, mesmo que às vezes sutilmente, a linguagem de Gênesis 1 e 2 e do Jardim do Éden. Talvez até mesmo essa linguagem no versículo 10, e eu plantarei o meu povo Israel, e os plantarei para que eles possam ter uma casa própria. Talvez essa imagem do plantio lembre a imagem do Éden.

Mas mesmo assim ainda colocando as pessoas na terra. Basicamente, embora isso remonte à promessa de Abraão, ao dar a terra a Abraão, isso é visto como o cumprimento de Deus dando a terra e a terra a Adão e Eva para cuidarem dela e viverem nela. Mas como vimos, por causa do pecado eles são expulsos.

Portanto, Deus dando a terra a Abraão tem o objetivo de cumprir sua intenção de criação, onde Deus dá a terra a Adão e Eva como um presente gracioso. Agora essa promessa é continuada por Deus mais uma vez com a intenção de estabelecer o povo na terra, que era sua intenção original na criação. Mesmo a linguagem da realeza, o facto de Deus pretender nos versículos 13 e 16 de 2 Samuel 7 estabelecer o trono de David e o seu governo para sempre, deve certamente ser visto como o cumprimento final da criação.

Onde Adão e Eva foram criados à imagem de Deus para subjugar e governar toda a criação. Portanto, agora a aliança davídica e o rei e a monarquia davídicos são os meios pelos quais a intenção de Deus para a humanidade governar toda a criação será agora cumprida no seu povo Israel. Portanto, 2 Samuel 7 está dentro desta história e contribui e continua esta história que remonta e está diretamente ligada à aliança davídica, mas também tem ligações com a criação.

Mas, para avançarmos, também vemos que 2 Samuel 7 também fornece o pano de fundo para grande parte da expectativa profética de restauração. Sem apelar para nenhum texto em particular, embora se possa apelar para Isaías capítulo 9, por exemplo, e Isaías capítulo 55. Pode-se apelar para Ezequiel 36 e 37.

Mas sem nos referirmos a qualquer texto profético específico, encontramos os profetas antecipando repetidamente um tempo em que Deus restaurará o seu povo. Mas geralmente a restauração do seu povo por Deus no Antigo Testamento é sempre vista em termos de Deus restaurando o trono davídico. E Deus restaurando um rei para governar o povo.

E isso geralmente remonta e assume a promessa davídica ou a aliança davídica de 2 Samuel, capítulo 7. E então, finalmente, para levar a história ao fim, encontramos no Novo Testamento que Jesus é o máximo. O próprio Jesus é o rei davídico final. Ele é quem finalmente cumpre a promessa feita a Davi na aliança davídica, onde seu trono seria eterno e eterno.

De modo que no Novo Testamento não encontramos apenas referências ao reino de Deus e Jesus proclamando o reino e inaugurando-o. Mas vemos a linguagem davídica aplicada, por exemplo, a Mateus 1.1. Ele é filho de Davi. Mas encontramos até 2 Samuel 7.14 citado.

Por exemplo, em Hebreus 1.5 onde ainda encontramos, eu serei seu pai, ele será meu filho, e eu serei seu pai. Citado em referência a Jesus Cristo. E então, indo ainda mais longe, Apocalipse 21 e 22, encontramos a intenção final de ter um filho davídico que se sentará no trono e governará toda a criação junto com seu povo.

Curiosamente, a promessa davídica, a aliança davídica, é aplicada ao próprio povo em Apocalipse capítulo 21. Por exemplo, em 21, bem no início do relato da nova criação em 21, isto é bastante interessante. Embora no restante do Novo Testamento pareça ser aplicado normalmente, exceto em alguns outros lugares, é aplicado exclusivamente a Jesus Cristo.

Observe o que acontece no capítulo 21. Encontramos essas palavras, se eu conseguir localizá-las. Versículo 6, Ele me disse: está feito.

Eu sou o Alfa e o Ômega, o começo e o fim. Ao que tem sede darei de beber gratuitamente das fontes da água da vida. Quem vencer herdará tudo isso.

Eu serei seu Deus e ele será meu filho. O que é uma repetição da fórmula da aliança davídica. Portanto, Cristo não é apenas o cumprimento final das promessas feitas a Davi, mas agora também o seu povo que lhe pertence participa e cumpre a aliança davídica.

Qual é a intenção original da criação de que toda a humanidade, que o povo de Deus governe toda a criação como seu representante. Agora isso finalmente atinge o seu clímax, onde através de Jesus Cristo agora também participamos da aliança Davídica e governamos a nova criação. Portanto, 2 Samuel 7 desempenha um papel integral não apenas no desenvolvimento de uma série de temas bíblicos, como criação, aliança, realeza e monarquia davídicas, semente, templo como habitação de Deus.

Mas, ao mesmo tempo, também desempenha um papel integral na história abrangente do trato redentor de Deus com o seu povo. Na próxima sessão examinaremos brevemente um texto do Novo Testamento e examinaremos novamente alguns dos temas teológicos que dele emergem. Como isso pode se encaixar na história abrangente e depois passaremos a considerar talvez o que considero ser o estágio mais crucial e importante da interpretação bíblica.

E isso é fazer aplicação ou como alguns chamariam de contextualização. Então, veremos isso na próxima sessão.